


O ESPORTE É UM ATO POLÍTICO: REFLEXÕES ACERCA DO ESPORTE A PARTIR DAS IDEIAS DE FREIRE

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.421142425119>

Data de aceite: 05/12/2024

Melissa Dandara de Oliveira Duarte

Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Possui formação em Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR) e é acadêmica de Licenciatura em Ciências Humanas com Ênfase em Educação Indígena pela Universidade Estadual de Roraima (UERR)

Sebastião Monteiro Oliveira

Professor Associado, possui graduação em Pedagogia com Habilitação Administração Escolar pela Universidade Federal do Amazonas (1987) com registro no MEC N. 008/94 - AM. Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas em dezembro de (2004). Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) em abril de 2016. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (2021). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Roraima. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos e História da Educação. É Líder do Grupo de Pesquisa Paulo Freire e Educação de Adultos na Amazônia Setentrional. É editor Adjunto da Revista

Educação, Pesquisa e Inclusão do PPGE da UFRR. Também é membro do Núcleo de Pesquisas Eleitorais da Amazônia (NUPEPA), professor do Programa de Pós-graduação no Mestrado Profissional em Inclusão (PROFEI), na Universidade Federal de Roraima e colaborador do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) na UFRR <https://orcid.org/0000-0002-1351-1278>

INTRODUÇÃO

Paulo Freire foi um educador que teve grande influência nos movimentos de Educação Popular, tendo reconhecimento, principalmente, por seus projetos e métodos de alfabetização de jovens e adultos trabalhadores do campo. Ele recebeu pelo menos 35 títulos de Doutor *Honoris Causa* e também o prêmio *Educação para a Paz* da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1986.

Um de seus feitos mais conhecidos foi a experiência em Angicos - Rio Grande do Norte, que resultou em alfabetizar cerca de 300 homens e mulheres em 40 horas. Apesar de seu famoso método de alfabetização, segundo Chacon (2023), o pensamento de Freire não é unicamente uma lógica de constituição metodológica e técnica de processos educativos, mas sim uma abordagem filosófica da sociedade e da educação. Nesse sentido, não reduzindo seu pensamento em um enfoque metodológico, podemos utilizar sua filosofia para refletir sobre os mais diversos âmbitos da sociedade.

A filosofia de Freire é bastante enfática na necessidade de reflexão acerca do contexto histórico, social, cultural e econômico em que estamos inseridos. Nesse sentido, ele ressalta a importância da conscientização através das práticas educativas, para que o educando, percebendo-se sujeito, criador e recriador, de sua história, possa intervir na realidade e transformar o mundo.

Segundo Kunz (2020), o esporte é um fenômeno enraizado em nossa sociedade e no mundo, que se faz presente em nosso cotidiano mesmo sem praticá-los. Percebe-se isso diante das milhares de pessoas que, ao redor do mundo, puderam acompanhar os Jogos Olímpicos de Paris de 2024 e a comoção nas redes sociais a cada medalha conquistada pelo Brasil.

As visões de democratização do Esporte se iniciam no Brasil a partir de 1973, incentivadas pelo movimento Esporte para Todos¹, que teve início na Noruega em 1967 (Cavalcanti, 1984). Atualmente, diante dos avanços tecnológicos, principalmente da mídia e das redes sociais, o esporte tem passado por mudanças, se tornando um produto cultural extremamente valorizado no aspecto econômico.

No contexto histórico da Educação Física na escola, o esporte sempre esteve, e ainda se mantém, muito presente nas práticas educativas, muitas vezes desconsiderando o incentivo à reflexão e criticidade, focando apenas no aspecto físico. De acordo com Kunz (2020), isso passou a ser denunciado pelos profissionais de Educação Física na década de 1980, com algumas das críticas fundamentadas na teoria de Marx, vendo o esporte como contribuinte para a alienação da classe trabalhadora.

Portanto, este estudo tem como objetivo refletir sobre o esporte, enquanto fenômeno social e político, a partir de conceitos e ideias da filosofia de Paulo Freire, visando problematizar o esporte e levar os profissionais de Educação Física a pensar e levar essas reflexões para as práticas educativas em sala de aula, objetivando a conscientização e emancipação do educando. Para isso, é crucial compreender a intersecção entre a filosofia freireana e os aspectos do esporte.

A metodologia deste trabalho, de caráter qualitativo, está centrada na análise das obras de Paulo Freire, correlacionando suas ideias e conceitos com aspectos do esporte. As obras de Freire analisadas foram Conscientização: teoria e prática da libertação, Educação como Prática de Liberdade, Educação e Mudança, Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da

1. Cavalcanti (1983) em sua obra, na realidade, faz uma crítica ao Movimento Esporte para Todos e ao esporte em si, pois, em sua visão, a preocupação do Poder Público era apenas manter o povo ocupado em seu tempo livre, utilizando o esporte, que, para ela, é uma maneira de despolitizar-se, e mantendo o *status quo*. Aqui faço uma crítica, pois acredito que o Esporte pode ser emancipatório, se trabalhado de maneira progressista, visando a conscientização e libertação.

Autonomia, Pedagogia da Indignação e Pedagogia da Esperança, devido a relevância das obras e o potencial para estabelecer conexões com o esporte. A partir da leitura crítica das obras, foram selecionados alguns conceitos e ideias da Filosofia de Freire, que foram base para a reflexão acerca do contexto histórico, social e político em que se encontra o esporte atualmente.

O QUE É O SER HUMANO?

À priori, é importante para a compreensão das ideias de Freire, entender sua visão acerca da natureza do ser humano para, então, refletir sobre a educação, que é uma experiência especificamente humana (Freire, 2023). Em consonância com esse pensamento, para entendermos o esporte, também é preciso meditar acerca da natureza da existência humana.

É fundamental percebermos os humanos como seres de relação, não de contatos, que estão no mundo e com o mundo (Freire, 2020). Ou seja, diferente dos animais, que apenas estão em contato entre eles e o ambiente, temos relações entre nós mesmos e com o mundo. Estas relações são *plurais*, pois há uma variedade de desafios e de respostas. São *críticas*, pois temos a capacidade de refletir. São *transcendentais* pois o homem, ao refletir, percebe-se como inacabado. É *temporal*, pois faz-se histórico.

“O homem é um ser de raízes espaço-temporais” (Freire, 2005, p. 39). Com isso, enfatiza-se a característica temporal e espacial do homem, ou seja, o homem está em um local e em um contexto histórico. Tudo isso produz condicionamentos aos seres humanos. Nesse sentido, as pessoas se encontram inseridas em um lugar, que possui características específicas, que são resultados do processo histórico, do qual o homem deve ser sujeito, sendo criador e recriador.

Além disso, são seres inacabados e inconclusos em e com uma realidade histórica igualmente inacabada (Freire, 1983). Ademais, tem a capacidade de perceber-se incompleto a partir da autorreflexão. E, ao refletir e adquirir consciência de seu inacabamento, quer aprender e, conseqüentemente, vive em uma permanente busca. E esta é a raiz da educação: o inacabamento do ser humano e sua busca interminável.

Outra característica que Freire atribui às pessoas é “os homens [e mulheres]² são seres da práxis” (Freire, 1983, p. 145). Ao falar sobre práxis³, ele afirma que as pessoas têm a capacidade de refletir acerca da ação e agir a partir da reflexão, sendo assim a dialética entre reflexão e ação, tendo como finalidade a transformação do mundo.

2. Incluirei “as mulheres” nas citações antigas de Freire pois no livro Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, faz uma autocrítica à sua linguagem machista utilizada em Pedagogia do Oprimido, pois achava que ao dizer “os homens” as mulheres estavam incluídas, mas a partir das críticas de algumas leitoras norte-americanas, reconheceu que estava utilizando uma linguagem excludente. Desde então ele utilizou sempre “homens e mulheres” ou “seres humanos” e nos incentiva a utilizar essa linguagem inclusiva.

3. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens [e mulheres] sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (Freire, 1983, p. 40).

Em suma, para Freire, o ser humano é sujeito de relações inserido no mundo e com o mundo. É um ser inacabado, mas capaz de refletir, transcender e reconhecer seu próprio inacabamento. É um ser que se situa em uma sociedade, que possui um contexto histórico, sendo, portanto, um ser histórico e social. É um ser que reflete e age (práxis), transformando a realidade.

DISCRIMINAÇÃO NA EDUCAÇÃO E NO ESPORTE

A discriminação, seja de raça, de gênero, de sexualidade, de classes, e entre outras, é algo que se faz presente em todo o mundo. Essas situações são formas de opressão, na qual o opressor vê ao outro como inferior, diminuindo-o, coisificando-o, transgredindo a vocação ontológica do ser humano de *Ser mais*⁴.

A rejeição a qualquer forma de discriminação é um aspecto da filosofia de Freire, para ele, isso é uma exigência para o professor (Freire, 1996). Em suas práticas educativas, a luta pelo combate a essas práticas deve ser constante, com vistas a conscientização dos educandos de que esses comportamentos são uma ofensa a vocação ontológica do *Ser Mais*, e, assim, promovendo um ambiente escolar com respeito, humildade, amorosidade e diálogo.

A ética universal do ser humano, defendida por Freire, afronta às discriminações de raça, gênero, classe, todas. “Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza⁵ de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar” (Freire, 1996, p. 60-61). Ele enfatiza a ação de lutar, como um dever e uma das bonitezas de ser humano, contra as discriminações que ocorrem em nossa sociedade.

Um exemplo cruel da discriminação em nosso país é citado por Freire, com muita revolta, em uma das cartas, publicadas após seu falecimento, do livro *Pedagogia da Indignação*. Foi o assassinato de Galdino Jesus dos Santos, um indígena da etnia pataxó, que viajou para Brasília no Dia dos Povos Originários, em 19 de abril de 1997, para reivindicação de direitos. Após as comemorações do dia, chegou muito tarde onde estava hospedado e foi impedido de entrar. Então resolveu dormir em um ponto de ônibus próximo. Enquanto dormia 5 pessoas jogaram álcool nele e atearam fogo em seu corpo. Os assassinos disseram que estavam apenas brincando, que só queriam dar um susto no homem. “Que coisa estranha, brincar de matar índio⁶, de matar gente” diz Freire (2021b, p. 75).

4. Ser mais é uma vocação ontológica do ser humano, para melhor compreensão leia *Pedagogia do Oprimido*.

5. O termo *boniteza* aparece inúmeras vezes em diversas obras de Freire, principalmente em *Pedagogia da Autonomia*. Mais adiante essa palavra, tão importante para a filosofia dele, será explicada melhor.

6. Atualmente, não se utiliza mais o termo *índio*, pois este foi o nome dado pelos colonizadores, que ao chegarem na América, achavam ter chegado à Índia. Portanto, deve-se utilizar *indígenas* ou *povos originários*. Porém, esta sendo uma discussão de repercussão muito recente, Freire não chegou a ter conhecimento disto, por isso utilizava o termo *índio*, mas nunca de maneira pejorativa.

Como qualquer âmbito da sociedade, o esporte não está isento das discriminações. Como exemplo podemos citar o Decreto Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que impedia as mulheres de praticarem o futebol, e outros esportes, por ser uma prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, ou seja, para o Poder Público, o futebol era coisa de homem. Apesar de, atualmente, a proibição não existir mais, esse pensamento sexista se entranhou na sociedade, impedindo meninas e mulheres de praticarem certos esportes, seja por impedimento dos pais, ou por preconceito de outros.

Em Roraima também não estamos livres das diversas formas de discriminação, que afligem toda a sociedade brasileira e mundial no esporte. Durante a 50ª edição dos Jogos Escolares de Roraima, que ocorreu em 2023, houve casos de racismo no decorrer das semifinais do futebol contra atletas indígenas do interior de Roraima. Frases discriminatórias⁷ foram proferidas por torcedores, para desestabilizar o time adversário. Há quem diga que isso é normal, “é coisa de futebol”, mas a partir do momento que normaliza-se o racismo como fator pertencente a um esporte, é necessário refletir e agir para mudar isso. O estado proporcionalmente mais indígena do Brasil, Roraima, presenciando casos de racismo contra indígenas. Foram episódios lamentáveis que demonstram que até mesmo no esporte escolar há discriminação racial.

Freire (1996) nos diz que as práticas discriminatórias ofendem a subjetividade do ser humano e negam radicalmente a democracia. Por isso, o professor deve sempre se posicionar a favor da luta constante contra a qualquer forma de discriminação e dominação. Nesse sentido, acreditamos que, assim como o professor, o atleta enquanto ser histórico-social da práxis, no mundo e com o mundo, deve ser contra essas formas de opressão, usando o esporte enquanto ato político como espaço para expor seu posicionamento.

MITOS, MANIPULAÇÃO E MÍDIA

O *mito* é um conteúdo alienante introjetado nas massas populares oprimidas como o objeto de conquistá-las, através das propagandas, slogans e veículos de comunicação⁸ (Freire, 1983). Portanto, são comunicados mentirosos transmitidos nas mídias repetidas vezes, para que as massas internalizem esses conteúdos, os aceitando como verdade. Esses mitos não são utilizados de maneira neutra ou sem motivos, mas com um objetivo opressor por trás, a manipulação.

“A *manipulação* se faz por toda a série de mitos a que nos referimos. Entre eles, mais este: o modelo que a burguesia se faz de si mesma às massas com possibilidade de sua ascensão. Para isto, porém, é preciso que as massas aceitem sua palavra” (Freire, 1983, p. 172). Nesse sentido, percebe-se que o *mito*, enquanto comunicado de conteúdos que alienam, é uma das principais ferramentas para a *manipulação* das massas, que tem como objetivo a manutenção do *status quo*.

7. “Vai fazer farinha”, “volta pra tua comunidade caboco” e “lugar de índio não é aqui” foram algumas das frases racistas denunciadas pelos professores das escolas indígenas alvos dessa discriminação. “Sabemos da vasta diversidade cultural que povoa a sociedade e toda heterogeneidade que compõem as escolas, portanto devemos respeitar as diferenças dos estudantes” disse uma das professoras (Lima, 2023).

8. “Como se o depósito deste conteúdo alienante nelas fosse realmente comunicação” (Freire, 1983, p. 164). Com isso, Freire faz uma crítica aos meios de “comunicação”, que não fazem comunicação, mas sim comunicados e manipulação das massas.

Paulo Freire, ainda na década de 1990, já nos alertava sobre o poder e os perigos da televisão, que atualmente tem se tornado ainda mais acentuados. Sobre isso, ele comenta:

“É que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido” (Freire, 1996, p. 139).

Com isso, ele alerta para a não neutralidade da mídia, pois toda comunicação possui um contexto: quem está comunicando, a quem se dirige, o que é comunicado e porquê. Apesar da tentativa de simular neutralidade, sempre há um contexto que permeia o conteúdo transmitido e, em alguns casos, a tentativa de dominação do ouvinte. Para Freire, a dominação dos seres humanos pelas forças dos mitos impostos pela mídia é a maior tragédia dos homens e mulheres modernos (Freire, 2020).

Ele, portanto, afirma que devemos nos pôr diante da televisão com uma postura crítica e desperta, nunca completamente entregues ou disponíveis ao que está sendo transmitido (Freire, 1996).

Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado (Freire, 2021b, p. 118).

Sendo assim, quanto mais evoluem as tecnologias, em especial a mídia, devemos nos manter vigilantes, lutando contra a ética do mercado que tem dominado o âmbito midiático e manipulado as massas através dos mitos.

Os meios midiáticos, como a televisão, as redes sociais e os *streamings*, atualmente, desempenham papel primordial no desenvolvimento do esporte enquanto produto que fortalece o sistema capitalista. Sobre a mídia e o esporte, Couto⁹ (2012) fala:

A mídia joga um papel fundamental na criação de ídolos. É interessante não só para os meios midiáticos, como para a indústria do esporte que a criação, a manutenção e a reprodução de ícones esportivos continuem sendo práticas renovadas, sendo aí realizados negócios de diversa natureza, alimentando a lógica de mercado, transformando torcedores em consumidores alienados e fortalecendo não o sistema desportivo, mas o capitalista. Desse modo, é interessante para a mídia promover a imagem de jogadores que estimulem a imaginação das crianças e dos adolescentes, desejosos de se tornarem atletas do futebol profissional com o mesmo sucesso de seus ídolos (Couto, 2012, p. 38).

9. Hergos Couto foi jogador meio-campista de futebol do time Sport Club Corinthians Paulista. Ao se desiludir no mundo do futebol profissional, largou a carreira como atleta e se aventurou pelos caminhos educacionais, cursando Educação Física e, posteriormente, se tornando Doutor em Educação, com a tese “ESPORTE DO OPRIMIDO: utopia e desencanto na formação do atleta”, falando sobre as relações de opressão no futebol profissional, tendo como base teórica o Paulo Freire.

Nesse sentido, percebemos o papel fundamental da mídia na formação dos interesses das pessoas. Sobre isso, Kunz (2020) nos diz que a excessiva influência da indústria cultural e dos meios de comunicação formam as convicções e interesses individuais para os interesses ideológicos do mercado consumidor. Para ele, o esporte é uma dessas agências ideológicas formadoras, que atualmente modelam torcedores consumidores para que dão lucro para os clubes, seja comprando um ingresso ou comprando uma camisa oficial do time.

Couto também comenta:

Vinculado ao 'mercado-esportivo', o futebol passa a ser dominado pelo capital e, conseqüentemente, à mídia a ele também vinculada e encarregada de alimentar os mitos que, embora evidenciem sucessos individuais e isolados, acabam por nutrir as ilusões da grande massa excluída (Couto, 2012, p. 51).

Um exemplo que relaciona a mídia, o esporte, o *mito* e as ilusões da massa excluída são os atletas super-famosos, com milhões de seguidores nas redes sociais, que fazem propaganda de sítios eletrônicos de apostas com a promessa de enriquecimento fácil, os famosos *tigrinhos*, que na verdade são golpes nos quais o apostador sempre sai perdendo. Isso tem causado conseqüências desastrosas para a sociedade brasileira. Esse tema será aprofundado mais adiante.

DIÁLOGO E A CONSCIENTIZAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO

Podemos conceituar a emancipação como “esse processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo o seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação” (Kunz, 2020, p. 41). Portanto, a emancipação relaciona-se com o desenvolvimento da criticidade e, conseqüentemente, a libertação do ser humano através da educação.

A partir da conscientização, transforma-se a consciência¹⁰ ingênua em crítica, que é marcada pela sua integralidade com a realidade. Nela há profundidade na análise dos problemas e segurança na argumentação, não são aceitas respostas simplistas obtidas sem reflexão. Ela evita a massificação, a alienação e o fanatismo, na qual o homem deixa de ser sujeito. A consciência crítica fortalece a democracia.

Segundo Freire (2020), o diálogo, uma das bases para a conscientização e emancipação, é uma relação de comunicação horizontal entre as pessoas, com humildade, amor, esperança, fé e simpatia. É “a própria essência da ação revolucionária” (Freire, 2005, p. 98). No contexto dialógico, devemos ter uma postura humilde, de quem reconhece o próprio inacabamento e, conseqüentemente, consciência de que não sabemos tudo. Possuímos saberes e outros possuem outros conhecimentos, ambos têm sua importância.

10. Para saber mais sobre os tipos de consciência e suas características, leia “Educação como prática de liberdade” de Freire.

No contexto do esporte, Kunz (2020) propõe a pedagogia crítico-emancipatória da Educação Física, inspirado em ideais freireanos, tendo o diálogo como fundamental para se atingir a emancipação do educando na prática dos esportes. Para isso, o professor deve promover um agir comunicativo, possibilitando que os alunos expressem seus entendimentos sobre o mundo social, subjetivo e objetivo, desafiando-os sempre ao diálogo a partir de perguntas.

EDUCAÇÃO E ESPORTE COMO ATO POLÍTICO

Paulo Freire nos diz que “como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1996, p. 98). Essa intervenção do ser humano no mundo mostra-se um ato político, pois as pessoas, como seres da práxis, refletem a agem, transformando a realidade.

Os homens e mulheres, enquanto seres capazes de intervir na realidade, podem realizar grandes atos, de dignificantes testemunhos, mas também consegue agir com baixa e indignidade (Freire, 1996). Portanto, tanto a educação quanto o esporte, enquanto atos políticos, podem ser usufruídos e utilizados pelos seres humanos de maneira ética¹¹ ou não, respeitando a vocação ontológica das pessoas ou não.

No decorrer da história, tanto do mundo, quanto do Brasil, podemos perceber vários períodos históricos, no âmbito político, em que o esporte foi utilizado com uma ferramenta de manipulação das massas. Segundo Sigoli e Junior (2004), em vários momentos da história, tanto do Brasil quanto do mundo, o esporte e a Educação Física estiveram ligados a interesses políticos de instituições sociais e Estados.

Um exemplo do esporte utilizado como ferramenta de manipulação foram os Jogos Olímpicos de 1936, realizada em Berlim - Alemanha, que foi um cenário onde o governo de Hitler, através das mídias (rádios e jornais), tentara enaltecer o nazismo e seus ideais de raça ariana pura. Os atletas alemães, apenas brancos, pois os não-brancos foram proibidos de participar, tinham a obrigação de vencer para provar a “superioridade” da raça branca (Mostaro, 2012).

No Brasil, podemos citar o período da execrável ditadura militar, no qual o Paulo Freire foi preso e, posteriormente, exilado. Nesse período, particularmente no governo de Médici, o esporte, em especial o futebol, foi um instrumento de propaganda do sucesso da ditadura:

Em 1970, vivia-se no Brasil o período de maior popularidade do regime, sob a presidência de Emílio Garrastazu Médici, com o início do “Milagre Econômico”, e a vitória esportiva foi incorporada e associada a este momento positivo. Mas, como dito, foi também quando aumentou a repressão, os presos políticos e a tortura, e o evento foi, neste momento, uma maneira do regime desviar a atenção destes crimes (Magalhães, 2012, p. 236).

11. Para saber mais sobre a ética na perspectiva freireana, leia *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Indignação*.

Nos discursos de Médici, em uma tentativa de “diálogo” com a sociedade, ele procurava glorificar os atletas da seleção atribuindo-lhes qualidades positivas para os militares, como a organização, coragem, unidade e o patriotismo. A marchinha de vitória cantada por Pelé foi utilizada pelo governo para relacionar o governo à seleção (Magalhães, 2012).

Nesse sentido, percebe-se que o esporte foi, e pode ainda ser, utilizado de maneira política por governos autoritários, com o objetivo de manipular as massas e manter-se no poder. Entretanto, em contrapartida, o esporte também pode ser um ato político de resistência contra as opressões que assolam as classes oprimidas, sendo espaço onde atletas com alto destaque na mídia podem incentivar a conscientização, à construção de valores de humanidade, respeito, amor e luta pela transformação do mundo.

Nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, Jesse Owens, atleta negro estadunidense de atletismo, conquistou 4 medalhas de ouro. Uma delas, a prova do salto em distância, foi contra o alemão Luz Long, campeão europeu e favorito ao ouro. Jesse Owens, além de superá-lo, quebrou o recorde da prova e, assim, abalou a concepção nazista racista de superioridade branca que Hitler obstinadamente tentava impor ao mundo (Mostaro, 2012).



Figura 1 - Pódio do Salto em Distância nas Olimpíadas de Berlim

Fonte: Camerano, 1936.

Outro exemplo de resistência política no esporte foi o lutador negro de boxe Cassius Marcellus Clay Jr, mais conhecido como Muhammad Ali. Nascido nos Estados Unidos, ele foi um radical pelos direitos da comunidade negra do seu país. Ao ser convocado para servir o exército na guerra contra o Vietnã, Muhammad se nega a lutar contra um povo que nada havia feito contra ele. Ao ser questionado por um repórter sobre ir ou não à guerra, ele respondeu:

Minha consciência não deixa que eu atire em um irmão, ou em gente escura ou qualquer pessoa pobre e faminta vivendo na lama, pela grande e poderosa América. E atirar neles porque? Eles nunca me chamaram de crioulo. Eles nunca me lincharam, ou soltaram os cães mim, nem roubaram minha nacionalidade, nunca estupraram e mataram minha mãe e meu pai. Atirar neles pelo quê? Como vou atirar neles? Bebês, crianças e mulheres negras e pobres? Como vou atirar nessas pessoas pobres? É melhor que me mandem pra prisão (O DIA..., 2019).

Muhammad Ali, enquanto um homem negro que vivenciou a segregação racial nos Estados Unidos, tinha consciência de seu contexto histórico, social e político e, com isso, se tornou sujeito histórico da práxis, agindo pela transformação do mundo, através de movimentos pela igualdade racial. Percebendo o caráter imperialista da guerra, se negou a lutar pela “grande e poderosa América”, que nem o respeitava em seu próprio país.

Vocês se opõem quando eu quero liberdade! Vocês se opõem quando eu peço por justiça! Vocês se opõem quando eu quero igualdade! Vocês nem me defendem na América, por minhas crenças religiosas. Querem que eu lute por vocês, mas vocês não lutam por mim, nem aqui, na minha casa! (O DIA..., 2019).

Ao ser contrário aos propósitos imperialistas dos Estados Unidos na obrigação de servir o exército, ele perdeu todos os títulos mundiais que havia ganhado, foi banido do boxe por um período de tempo e recebeu uma pena de 5 anos de prisão, a qual recorreu e conseguiu a decisão a seu favor, não cumprindo pena. Vemos então, no contexto esportivo, um atleta de alto renome, que utilizou o esporte enquanto ato político como espaço para defender e lutar pelos ideais de igualdade, contra a opressão.

No contexto brasileiro, temos como exemplos de esporte como ato político de resistência o movimento *Democracia Corinthiana*. Segundo Accorsi (2017), esse movimento surgiu nos anos 1980, ainda na ditadura militar, para transformar o modo de direção do clube Sport Club Corinthians Paulista, visando maior democratização das decisões. As ideias democráticas do movimento atravessaram os estádios e adentraram nas campanhas pela redemocratização do país e pelas *Diretas já!*¹². Sócrates, um dos jogadores mais conhecidos do clube, foi um dos jogadores que participou dos comícios pelas Diretas no centro de São Paulo.

“Ganhar ou perder, mas sempre com democracia” era a frase escrita na faixa carregada pelos atletas corinthianos antes da partida, ao entrarem no campo, em 14 de dezembro de 1983, no Estádio do Morumbi.

12. A *Diretas Já!* foi um movimento que ocorreu na ditadura militar e tinha como objetivo a retomada das eleições diretas (ou seja, por voto dos cidadãos) para o cargo de presidência da república.



Figura 2 - “Ganhar ou perder, mas sempre com Democracia”

Fonte: Ludopédio, 1983.

Mais de 30 anos depois, em 2016, durante o processo de *Impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, o movimento se fez presente com o nome de *Democracia Corinthiana contra o golpe*. Convocados pelo Levante Popular da Juventude, a reunião foi feita na Universidade de São Paulo (USP) e contou com a presença de grandes nomes do clube como Wladimir dos Santos (Accorsi, 2017).

Portanto, o atleta que possui maior destaque na mídia precisa compreender que, assim como o professor, tem enorme influência na formação dos indivíduos. Portanto, tem a obrigação de se posicionar diante das desigualdades e situações de opressão. Aos que não se posicionam, na verdade escolhem um lado, aquele a favor do *status quo*, na manutenção das situações opressoras.

A INDIGNAÇÃO/RAIVA

A indignação e a raiva estão muito presentes na filosofia freireana. “A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de ‘ser mais’ inscrito na natureza dos seres humanos” (Freire, 1996, p. 75). Nesse sentido, esses sentimentos de enfurecimento são direcionados às situações de opressão, que desumanizam e transgridem a vocação ontológica de *Ser Mais*.

Isso tem origem na infância de Freire, que, em decorrência da crise de 1929, vivenciou a decadência de sua família, que antes pertencia a classe média e caiu na extrema pobreza, passando pela árdua dor da fome. Essa revoltante situação que passou, penosa e brutal, e que muitos brasileiros experienciam até os dias atuais, foi a raiz de sua preocupação com a justiça social e sua radicalidade política.

A raiva e a indignação diante da opressora desumanização movem as pessoas para a transformação social, quando em um movimento da práxis, refletem e se organizam para lutar contra isso. Além disso, elas, quando não convertidas em ódio, possuem caráter formador na educação. Sobre isso, Freire nos diz:

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade (Freire, 1996, p. 40-41).

Com Freire, aprendemos o valor da raiva e da indignação na luta pela libertação dos oprimidos. Devemos sentir raiva sim, quando vemos uma situação de opressão, de manipulação ou de discriminação. Isso deve nos motivar a lutar, a se organizar, a intervir no mundo e transformar nossa realidade. O que não pode é se transformar em odiosidade, na qual a ira se apodera do indivíduo. Deve sempre haver dialeticidade entre a raiva e o amor.

No esporte, retomamos o exemplo de Muhammad Ali, que se indignou justamente ao ter a obrigação civil de lutar da Guerra do Vietnã, para, como ele mesmo disse, lutar contra quem nada havia feito nada contra ele. Mas não tendo uma postura fatalista, de quem aceita a realidade como um fato imutável, a partir da raiva, foi sujeito de sua história, se negando a integrar o exército norte-americano.

DENUNCIA: PROPAGANDA DE CASAS DE APOSTAS NA MÍDIA ESPORTIVA E A MANIPULAÇÃO DAS MASSAS

Enquanto seres que temos a leitura crítica do mundo, temos a tarefa da *denúncia* da realidade perversa e do *anúncio* de uma realidade melhor, que surgirá da intervenção do homem no mundo, transformando a realidade (Freire, 2021b). Nesse sentido, é necessário denunciar o que há de horrendo, opressor, malévolo em nosso contexto histórico-social, visando a superação da situação.

Ao ligar a televisão para assistir uma partida de futebol do seu time de coração, uma das primeiras coisas que você provavelmente verá é o nome de uma casa de aposta, seja no uniforme do time ou nas propagandas inseridas no campo. Há uma grande quantidade de casas de apostas que têm patrocinado os maiores times e as maiores competições do Brasil. Um exemplo disso é o campeonato chamado Brasileirão Série A, que, inclusive, mudou de nome, passando a se chamar Brasileirão Betano, e a Copa do Brasil, Copa Betano do Brasil. Além disso há as inúmeras propagandas de apostas nos intervalos de jogo, com promessas vazias de enriquecimento fácil, que na realidade tem causado prejuízos aos brasileiros.

O Banco Central realizou um estudo especial com o objetivo de analisar o tamanho do mercado dos jogos de azar e apostas no Brasil. Segundo esse estudo, cerca de 20 bilhões de reais foram transferidos para essas casas, somente em agosto de 2024. Tendo a participação de 24 milhões de brasileiros nas transferências. O valor médio mensal transferido do apostador para as casas de apostas é de 100 reais, para os mais novos, e 3 mil reais, para os mais velhos. Além disso, estima-se que, em agosto de 2024, 5 milhões de beneficiários do programa Bolsa Família enviaram 3 bilhões de reais às empresas de apostas.

Um estudo realizado pelo Banco Itaú em agosto de 2024, mostra que, em 12 meses, os brasileiros gastaram 68,2 bilhões de reais em apostas esportivas e tiveram o ganho de apenas 44,3 bilhões de reais. Ou seja, os brasileiros perderam 23,9 bilhões de reais. O povo brasileiro empobrece enquanto os grandes empresários, donos das casas de apostas, enriquecem.

“Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem” (Freire, 1983, p. 49). Essa situação demonstra que a ética do mercado, que visa acima de tudo e todos o lucro, tem suprimido a ética universal do ser humano, que luta pelos direitos dos oprimidos.

Além do prejuízo financeiro, há também a questão psicológica que afeta os apostadores. Em São Paulo, em 2024, houveram 4 casos de suicídios motivados por endividamento em decorrência do vício em apostas (Henrique, 2024). Inclusive, a Organização Mundial de Saúde, classifica esse vício como uma doença, a ludopatia, na qual o indivíduo continua apostando, mesmo isso trazendo constantes prejuízos.

Essas promessas de enriquecimento fácil são introjetadas nas propagandas durante os intervalos do jogo e também são muito difundidas pelos *influencers digitais* (inclusive alguns desses sendo atletas), principalmente no *instagram*. Esses mostram sua mansão, carro de luxo, roupas de grife e, ao incentivarem as apostas, associam seus bens ao enriquecimento a partir das apostas, o que é uma mentira, pois essas empresas, pagam milhões para que os *influencers* façam publicidade. A lógica é: aposte o pouco que tem, perca seu dinheiro, a casa de aposta fica mais rica e me paga para te enganar; assim, eu fico mais rico e você mais pobre.

Analisando esses fatos a partir das ideias freireanas, podemos identificar que há uma *manipulação* das massas sendo executada pelas mídias e financiadas pelas casas de apostas, se utilizando de um *mito*, o do enriquecimento fácil, para tirar o dinheiro dos oprimidos e dá-lo para os empresários, já ricos. Isso é uma prática imobilizante e ocultadora da verdade, que põe os interesses do mercado acima da humanidade.

Não nos deixemos enganar. Estas propagandas não são sem motivo, a mídia não é neutra, toda comunicação parte de alguém (quem? o grande empresário!), que comunica algo (o que? o mito do enriquecimento fácil!), em favor de algo (de que? da manipulação das massas e do enriquecimento dos grandes empresários!). Há de nos conscientizarmos para desmistificar esta realidade! Estejamos em constante alerta às arteirices ideológicas da mídia.

POR FIM, A ESPERANÇA: UM SONHO DA BONITEZA NO ESPORTE

A esperança faz parte da natureza humana como um ímpeto de superar o inacabamento e possui relação com a historicidade, pois sem ela não nos moveríamos, a História seria imutável. “Uma esperança crítica que move os homens [e mulheres] para a transformação” (Freire, 2023, p. 66). Ela é uma das bases da filosofia de Freire, pois é necessária para a transformação do mundo. Uma esperança que não espera de braços cruzados, mas uma que sonha e luta.

“Os sonhos são projetos pelos quais se luta” (Freire, 2021b, p. 62). Sendo assim, o sonho é uma ideia que temos do mundo em que queremos viver. Esse projeto deve nos instigar a lutar, deve nos mobilizar a sermos sujeitos de nossa história, nos organizando e transformando a sociedade.

Sonhar não é apenas um ato descompromissado de imaginar uma realidade que jamais será concreta. Sonhar, bem como lutar pela transformação do mundo e pela concretização do sonho, é uma tarefa de mulheres e homens progressistas (Freire, 2021b). Sobre isso, Freire nos diz:

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar da minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes (Freire, 2021b, p. 36).

A inexorabilidade do futuro mata o sonho, pois se não podemos mudar nada, e o futuro é apenas destino imutável, para que sonhar? Esse pensamento, disseminado pelos conservadores, visa imobilizar as massas, fazê-las acreditar que é impossível mudar algo, que tudo é obra de um destino inabalável, tudo para manter o status quo. Portanto devemos ver a realidade como mutável e o amanhã a ser construído por nós, a partir de nossos sonhos.

Sendo assim, vemos a importância dada por Freire ao ato de sonhar, que se mostra um ato libertador dos oprimidos, que ao se conscientizarem das opressões e desigualdades presentes em seu contextos, as denunciam, e anunciam sua superação, tendo o sonho como modelo a ser atingido através da transformação da realidade, a qual são sujeitos.

Ao nos deleitarmos na leitura das obras de Freire, principalmente em Pedagogia da Autonomia, diversas vezes encontramos a palavra *boniteza*. Ana Maria Araújo Freire¹³, segunda esposa de Paulo, no livro *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*, explica sobre a origem e aprimoramento desse termo, que tanto aparece nas obras dele.

Nita nos conta que, inicialmente, ele utilizava essa palavra de forma carinhosa com ela: “Com essa palavra, Paulo não queria me dizer apenas que me achava bonita, mas, sobretudo queria expor seu agrado com relação a meus gestos, meu andar (desengonçado...), minha escuta, meus carinhos, minha cumplicidade, meu companheirismo” (Freire, 2021a, p. 16).

13. Ana Maria de Araújo Freire, também conhecida como Nita Freire, foi a segunda, e última, esposa de Paulo. É mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Desde o falecimento de Paulo, em 1977, ela tem sido a sucessora legal de suas obras e tem publicado livros inéditos como “Pedagogia da Indignação” e “Pedagogia da Tolerância” (Souza e Borba, 2007).

Então, partindo do romântico para o filosófico, em um momento de reflexão, ele dá um salto qualitativo criando uma nova significação para a palavra:

“Metáfora do elegante, do louvável no processo civilizatório, do poético, do *fazer* com responsabilidade, eficiência e amorosidade. Assim, a palavra *boniteza* reúne nela mesma compreensões além do bonito, da beleza e da ética, carrega signos, significados, significações, contemplação, compaixão, desopressão, interesses legítimos, precisão (no sentido de carência), para plenificar-se no templo da grandeza humana, do sublime, do nirvana, do ato de qualificar o que, temporariamente, a história e a ciência permitem criar” (Freire, 2021a, p. 18).

Diante das situações de opressão, como a manipulação e a discriminação, que permeiam o mundo esportivo, nos vemos na tarefa libertadora de sonhar compromissadamente com um esporte na perspectiva da boniteza, visando transformar a realidade, para um dia alcançarmos esse sonho em nossa realidade. Diante disso, refletimos: *Como seria a boniteza no esporte?*

Um esporte onde o campo/quadra não é um campo de guerra, que visa destruir o inimigo, mas sim um espaço esportivo com o objetivo de se divertir, se superar, *Ser Mais*. Onde o adversário não é o inimigo, mas nosso companheiro de prática esportiva, o qual devo tratar com respeito. Onde a torcida adversária não é alvo de nossa ira totalmente irracional, mas sim de nossa comunhão em assistir uma partida juntos.

Um esporte para o lazer do trabalhador, que deve possuir o direito de desfrutar de seu tempo livre. Mas como ter tempo para si, quando a escala de trabalho 6x1 esmaga a subjetividade do trabalhador, reduzindo sua existência ao trabalho? Não podemos aceitar essa situação de opressão. O trabalhador é mais que apenas seu trabalho e tem o direito ao lazer, ao esporte, à se divertir, a ser sujeito de sua vida.

Um esporte onde a discriminação de quaisquer tipos não se faz presente. No qual haja uma luta contra essas práticas, tanto no âmbito esportivo, quanto nos mais diversos da sociedade. Onde a mulher, o negro, o indígena, os LGBT's, os trabalhadores, todos possam praticar esportes em comunhão, humildade, respeito, tolerância e simpatia.

Um esporte que seja espaço para o despertar das questões sociais, conscientizador, fomentador da indignação que resulte na rebeldia contra as opressões. Onde os atletas se posicionam contra a manutenção do *status quo*, convidando todos a se organizarem pela luta por um mundo melhor.

Um esporte que não seja espaço para os grandes empresários e *influencers digitais*, opressores, utilizarem as mídias esportivas para a manipulação das massas populares através do mito do enriquecimento fácil, que, introjetado nos oprimidos, os engana e os ilude, tirando o pouco que tem, para aumentar o muito que já tem o grande empresário.

Um esporte não dominado pelo perverso capital, pela ética do mercado, que oprime visando o lucro acima da vida humana. Mas sim, empapado pela ética universal do ser humano! Encharcada de humildade, respeito ao próximo, amorosidade, dialogicidade, conscientização, emancipação e luta pela transformação do mundo.

Por fim, temos que ter em mente que mudar é difícil mas é possível (Freire, 2021b). Então, enquanto seres histórico-sociais da práxis, temos que, a partir do diálogo, nos conscientizarmos de nosso contexto, denunciar o que há de perverso e anunciar um futuro melhor, tendo o sonho como projeto futuro nascido de nossa esperança crítica e base de nossa transformação do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire, com sua filosofia de libertação dos oprimidos traz grandes ensinamentos para todas as áreas do conhecimento. Seu foco era a alfabetização, mas o diálogo, a conscientização, a emancipação devem estar presentes em todos os âmbitos da sociedade, para que possamos lutar contra as opressões, os mitos e as manipulações que nos permeiam.

Percebemos que o esporte, porque experiência especificamente humana, é um fenômeno histórico, social e político. Ele pode ser utilizado para a manipulação das massas, para espalhar mitos, para difundir a ética do mercado em detrimento da ética universal do ser humano. Por outro lado, também pode ser um ato político de resistência contra as opressões, dialógico, conscientizador e emancipador.

Por fim, inspirados pelo ímpeto sonhador crítico de Freire, temos que sonhar esperançosos com um esporte empapado da boniteza. Não devemos ter a postura fatalista de “jogar a toalha”, acreditando na inexorabilidade da História. Porque somos humanos! Podemos e devemos ser sujeitos de nossa história, transformando nossa realidade e o mundo, sonhando com a boniteza.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Ana Cláudia *et. al.* Indiretamente pelas Diretas: a Democracia Corintiana no Conjunto das Manifestações pelas Diretas Já. **Revista Cantareira**. n. 27, jul-dez, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27974>. Acesso em: 19/11/2024.

BANCO CENTRAL. Análise técnica sobre o mercado de apostas online no Brasil e o perfil dos apostadores. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE119_Analise_tecnica_sobre_o_mercado_de_apostas_online_no_Brasil_e_o_perfil_dos_apostadores.pdf. Acesso em: 11/11/2024.

CAMERANO, Anthony. **The Winner in Broad Jump**. 1936. 1 fotografia. Associated Press. Disponível em: <https://www.newsmuseum.pt/pt/fotojornalismo/jesse-owens-no-podio-0>. Acesso em: 13/11/2024.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: IBRASA, 1984.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. **10 lições sobre Paulo Freire**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

CHERMAN, Luiz; DUARTE, Pedro. **Macro Visão: Apostas on-line: estimativas de tamanho e impacto no consumo**. Itaú. 13 de ag. de 2024. Disponível em: https://macroattachment.cloud.itaub.com.br/attachments/a77e92d9-319f-45ca-b657-6c721241804b/13082024_MACRO_VISAO_Apostas_on-line.pdf. Acesso em: 11/11/2024.

COUTO, Hergos Ritor Froes de. **Esporte do Oprimido: Utopia e Desencanto na Formação do Atleta de Futebol**. 2012. 244f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012.

- FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A palavra *boniteza* na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 46 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas explicativas de Ana Maria Araújo Freire. 33ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria de Araújo (Org.). **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HENRIQUE, Alfredo. **De casa vendida a suicídio: como o Jogo do Tigrinho destrói famílias**. Metrópolis, São Paulo, 29 mai. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/suicidio-jogo-do-tigrinho-familias>. Acesso em 20/11/2024.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 9 ed. Ijuí: Unijuí, 2020.
- LIMA, Rayane. **Estudantes indígenas sofrem ataques racistas nos jogos escolares de Roraima: 'Vai fazer farinha'**. G1 RR, Boa Vista, 8 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/08/08/estudantes-indigenas-sofrem-ataques-racistas-nos-jogos-escolares-de-roraima-vai-fazer-farinha.ghml>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- LUDOPÉDIO. **[Sem título]**. 1983. 1 fotografia. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/ganhar-ou-perder-mas-sempre-com-democracia-a-torcida-corinthiana-e-o-processo-de-redemocratizacao-da-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 19/11/2024.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970. **PolHis**. ano 5, n. 9, p. 232-242, 1º semestre de 2012.
- MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. **Comunicação e Entretenimento**: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens. v.19, n. 1, p. 95-108, 1º semestre 2012.
- O DIA que Mohammadi Ali recusou-se a servir o exército dos EUA na Guerra do Vietnã. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1min42s). Publicado pelo Canal Bruno Rodrigues. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=guLqoPVh5JY>. Acesso em: 16/10/2024.
- SOUZA, Giane Maria de; BORBA, João Francisco de. Entrevista com Ana Maria de Araújo Freire. **Contrapontos**. Itajaí, v. 7, n. 3, p. 671-687, set/dez 2007.
- SIGOLI, Mário André; JUNIOR, Dante De Rose. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. Brasília, v. 12, n. 2, p. 111-119, junho 2004.